Invasão da Estrutural e a pedra no sapato

Uma pedra no sapato de quem comanda o GDF. Assim podemos definir a invasão da Estrutural. O último censo do Idhab, feito em 99, revela que quatro mil famílias moram na invasão. Mas integrantes do governo admitem que esse número pode ser bem maior hoje.

"Sabemos que a invasão está crescendo, mas não podemos tirar um ou outro barraco", reconhece o assessor de um secretário do GDF. "Nossa ação na Estrutural terá que ser fechada, para todos, e ela vai acontecer mais cedo ou mais

tarde, porque a invasão não pode continuar como está", completa o assessor.

Parte do problema pode ser resolvido com a aprovação de um projeto que tramita há alguns anos na Câmara Legislativa. A proposta, de autoria do deputado peemedebista José Edmar, prevê a criação de uma vila comunitária, vizinha ao Scia, justamente para oferecer mão-de-obra às empresas que ali se instalarem. Mas a vila terá condições, se aprovada, de absorver apenas 30% das famílias que hoje vivem na Estrutural, garantem os técnicos

da Secretaria de Habitação.

Pela proposta, a vila comunitária seria composta por lotes distribuídos "aos atuais moradores do Lixão e aos atuais ocupantes da chamada invasão da Baixa Estrutural", sendo a área considerada como de interesse social, destinada a habitações econômicas para a população de baixa renda.

Defensor incondicional da invasão da Estrutural, José Edmar vê na vila comunitária uma oportunidade social para os moradores da área ilegal. Mas o projeto, que che-

gou a ir a plenário, no início do ano, foi retirado de pauta pelo próprio parlamentar, que atendeu a um pedido do governador Joaquim Roriz.

O projeto, porém, não é bem visto por diversos segmentos da sociedade. De ambientalistas, que reclamam da proximidade da invasão com área de proteção ambiental, aos protetores do tombamento de Brasília, que temem que a fixação dos invasores no local possa desencadear movimentos semelhantes próximos demais do centro da capital.

Os moradores da Estrutural, por sua vez, aguardam com muita expectativa o desenrolar da história. O pedreiro Ailton Gomes, desempregado há sete meses, espera conseguir uma vaga nas obras de instalação das futuras empresas do Scia. "Parece que vai vir muita construtora para cá e acho que posso ter uma chance, pois as empresas não vão nem precisar pagar vale-transporte para a gente, o que é muita economia", conta. Ele, porém, deixa claro: "Daqui ninguém tira". (M.E.)